Prefácio a *Ciclo Lunar – Duas Novelas Góticas e uma História de Amor*, de João Luís Nabo. Lisboa: Colibri, 2022.

*Ciclo Lunar* é uma ficção de investigação histórica perturbante e transgressiva que possui a competência de provar estar o Gótico tradicional muito bem sintonizado com as perversões, corrupções, inquietações e inseguranças dos tempos em que vivemos. O seu tom irónico e sarcástico evoca passados despóticos feudais e religiosos criando ressonâncias com obras bem representativas deste género, como *The Monk* (1796)de Matthew Gregory Lewis, *O Castelo de Otranto* (1764) de Horace Walpole ou *Vathek* (1786) de William Beckford. Como nestas ficções, aqui encontraremos também temas ligados ao terror, intolerância e morte sendo guiados por personagens destes e de outros tempos, que nos introduzem nessa noite medieval e nos seus mais sinistros, misteriosos e enigmáticos locais históricos recriados pela imaginação do autor.

Este mundo imaginário encontra-se muito bem alicerçado em curiosos dados sobre monumentos bem reais e conhecidos que constituem o valioso património histórico de Montemor-o-Novo, cujos habitantes poderão encontrar interessantes correspondências no cenário ficcional de Vila Nova, onde as impressionantes narrativas desta obra se enquadram. Actos tenebrosos que envolvem rituais sacrificiais, auto-imolações, vinganças, violações ou castigos impiedosos constituem muitas das acções onde se inscrevem várias histórias vindas das trevas mais profundas e terríveis. Obedecendo ao princípio proposto por Walpole de que o género gótico não necessita de uma escrita repleta de digressões ou descrições desnecessárias, pois tudo neste tipo de narrativas deve tender directamente para a catástrofe, nunca provocando o relaxamento da atenção do leitor, uma vez que o terror é o seu principal motor, *Ciclo Lunar* mantém-se, assim, bem consciente do seu cânone, tanto a nível formal como temático. Daí que se pressinta, nestes contos, a herança da ironia sarcástica e do humor negro tão presente na escrita de Edgar Allan Poe, assim como a influência de uma estrutura narrativa composta por complexos enredos e intrincados sub-enredos, como em *O Monge* de Lewis ou em *Os Mistérios de Udolpho* (1794) de Anne Radcliffe. Aliás, esta complicação da acção contribui muito especialmente para a manutenção do suspense e criação dos seus interessantes mistérios, promovendo a tão necessária desordem, um princípio imprescindível na estrutura da ficção gótica. Não nos esqueçamos ser exigência própria do Gótico que os seus leitores desejem passar por experiências tão radicais como as de um enterro vivo, que os aproxime da morte, ou que, embora ficcionalmente, sejam vítimas de rituais místicos em poços fatais, prisioneiros de passagens secretas, ou protagonistas de amores trágicos impossíveis. Acima de tudo, deles se espera que atinjam essa libertação emocional concedida pela reactivação das suas emoções e paixões humanas tão frequentemente reprimidas. A leitura de *Ciclo Lunar* permite atingir tudo isto, prendendo-nos o interesse da primeira à última página, por possuir uma escrita que bem trata e preserva os mistérios passados como um bom manuscrito antigo, onde se encerram os mais inesperados e inquietantes segredos.

Além de tudo isto, este conjunto de contos estabelece uma ponte muito criativa entre o passado e o presente, através de importantes fios condutores da narrativa, com grande alcance simbólico, como a Lua ou a figura do ourives judeu, Judá Molina. Seguindo os movimentos cíclicos da primeira, poder-se-á atingir a inevitabilidade dos ciclos de vida e de morte, pois a maior parte das personagens está sujeita aos impulsos freudianos de Erose Thanatos, sendo determinadas pelos seus impulsos de repetição num paralelismo com as repetições cíclicas da Lua. Presos nas suas armadilhas e, por vezes, amaldiçoados pelos “pecados dos pais”, todos os seres se revelam face à inescapabilidade dos seus destinos que nenhum fundamentalismo religioso pode vencer. Apenas a defesa da liberdade pessoal e colectiva se poderá tornar no modo mais eficaz de confrontar essa inevitabilidade, não deixando de se entrever uma crítica mordaz a todos os excessos de autoritarismo que impedem o livre pensamento.

 Na sua persistente intenção de avançar por terrenos proibidos e polémicos, reconhece-se o desejo do autor desta obra em abordar questões intemporais, capazes de aproximar dramas passados, de personagens ficcionais, dos reais e vividos na nossa contemporaneidade. Assim, surgem nestas páginas temas tão actuais como o abuso e abandono de crianças, aspectos negativos da condição feminina, marginalizações por relações com pessoas do mesmo sexo, perseguições movidas por fundamentalismo religioso, abusos de poder, etc. Todas estas temáticas, evidenciam bem a passagem da ficção gótica de uma ficção de pura diversão ou entretenimento, para uma ficção de ideias com propostas de reflexões importantes e sérias sobre a relação do indivíduo com a sociedade e com as partes desconhecidas do seu ser. Lembremos que *Ciclo Lunar* inicia o seu percurso narrativo com uma citação de Nietzsche, o filósofo alemão criador do axioma do Eterno Retorno, algo que esta escrita clara, directa e cinematográfica quis aprofundar, não evitando o risco das suas consequências, mas antes beneficiando dos seus muito positivos efeitos éticos e estéticos.

Maria Antónia Lima